

## PROCESSAMENTO REFERENCIAL DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS *DEUS GREGO* E *DEUS DE ÉBANO*

José William da SILVA NETTO<sup>34</sup>

Rosemeire Selma MONTEIRO-PLANTIN<sup>35</sup>

**Resumo:** Este artigo objetiva propor, definir e elucidar uma interface entre Fraseologia e Linguística Textual. Fizemos uso de Xatara (1995, 1998a, 1998b, 2001), Vega-Moreno (2003), Tagnin (2005, 2013), Biderman (2005) e Monteiro-Plantin (2012), para precisarmos a teoria fraseológica e Koch (1989, 2006), Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi (2006), Sousa Teixeira (2010) e Cavalcante (2014) para discorrer sobre referenciação. Realizamos uma análise referencial das expressões idiomáticas *Deus Grego* e *Deus de Ébano*, extraídas de seis contos eróticos. Os resultados obtidos mostraram que, em geral, a relação entre forma referencial e referente se dá a partir de meronímias, anáforas indiretas, e uso de expressões nominais, anáforas diretas.

**Palavras-chave:** Fraseologia. Expressão Idiomática. Linguística Textual.

**Abstract:** *This paper aims at proposing, defining and elucidating an interface between Phraseology and Textual Linguistics. We based our research on phraseology upon Xatara (1995, 1998a, 1998b, 2001), Vega-Moreno (2003), Tagnin (2005, 2013), Biderman (2005) and Monteiro-Plantin (2012), and upon Koch (1989, 2006), Koch and Marcuschi (1998), Marcuschi (2006), Sousa Teixeira (2010) and Cavalcante (2014) to discuss about referencing. We did a referencing analysis of the idioms Deus Grego and Deus de Ébano, drawn from six erotic stories. The results show that, in general, the relation between referencing term and referent is given through the use of meronyms, indirect anaphors, and nominal expressions, direct anaphors.*

**Keywords:** *Phraseology. Idioms. Textual Linguistics.*

---

<sup>34</sup> Professor da Casa de Cultura Britânica – UFC, Doutorando do curso de Pós-Graduação em Linguística – UFC, Centro de Humanidades, Fortaleza, Ceará, Brasil, Contato: [williamnettoo@gmail.com](mailto:williamnettoo@gmail.com)

<sup>35</sup> Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística - UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. Contato: [rosemeire.plantin@gmail.com](mailto:rosemeire.plantin@gmail.com)

## **Introdução**

O artigo em tela pretende mobilizar duas áreas da linguística que, embora possuindo alto potencial de diálogo, ainda não haviam sido unidas em um escopo teórico-metodológico único: a Fraseologia e a Linguística Textual (doravante LT). Propomos o nome de Fraseologia Textual para a interface que nasce a partir da união entre as duas áreas anteriormente citadas, relação esta cujas características serão abordadas em nossa fundamentação teórica. Além disso, não apenas obtendo consequências dentro do campo teórico, a fusão que ora propomos também trará contribuições para a forma como a metodologia será desenhada e executada.

A ideia de desenvolver um estudo em Fraseologia Textual surgiu a partir da busca de novas formas de investigar onde, como e de que maneira as unidades fraseológicas se fazem presentes no discurso de uma sociedade. Muitas abordagens linguísticas tentaram explicar o fenômeno fraseológico, como as pesquisas na linha de Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da linguagem e a própria Linguística Aplicada, a última sendo representada pela Fraseodidática. De uma forma geral, cada contribuição advinda de linhas de pesquisa afins sobre o estudo fraseológico moldou e avançou seu atual estado da arte.

Objetivamos, com esta investigação, demonstrar como uma interseção entre fraseologia e LT pode ser operacionalizada, analisar como as expressões idiomáticas (doravante EIs) adjetivas são referenciadas ao longo dos textos, ou seja, quais tipos de formas remissivas lexicais são mobilizados para criar uma teia de conexões anafóricas e, por fim, verificar quais sentidos entram em cena a partir do uso de cada tipo remissivo.

Nas seções a seguir, discorreremos sobre as teorias que ancoraram nossas análises, a escolha do *corpus*, a metodologia empregada e, por último, uma discussão acerca dos resultados obtidos.

## **Fundamentação teórica**

Esta seção estará dividida em dois momentos, o primeiro relativo à discussão acerca da área da Fraseologia, definindo-a conforme suas características e tipologias. Para tal, convocaremos os estudos de Xatara (1995, 1998a, 1998b, 2001), Vega-Moreno (2003), Tagnin (2005, 2013), Biderman (2005) e Monteiro-Plantin (2012). O segundo momento compreenderá teorias da LT presentes em Koch (1989, 2006), Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi (2006), Sousa Teixeira (2010) e Cavalcante (2014). Ao final da fundamentação teórica, buscaremos

demonstrar como as duas áreas contempladas nesta seção podem convergir em algo que convencionamos denominar de Fraseologia Textual.

Para um leitor iniciante nos estudos fraseológicos, o termo *fraseologia* pode suscitar algumas dúvidas quanto à sua acepção. Monteiro-Plantin (2012) faz um levantamento de como o termo pode ser entendido em diferentes searas do conhecimento, podendo ser definido como a parte da gramática que se ocupa do estudo da frase, o conjunto de construções estilísticas próprias de um escritor e até mesmo como a compilação de frases ou locuções de uma língua. Aos nossos olhos, compreendemos que a fraseologia é uma área dentro do escopo da Linguística que se ocupa do estudo de itens lexicais complexos, as unidades fraseológicas ou fraseologismos, como as EIs, colocações e provérbios.

Os tipos de unidades fraseológicas listados acima diferem entre si com base em características mais gerais definitórias de suas categorias, quais sejam polilexicalidade, idiomaticidade e fixação/lexicalização. As duas últimas serão sempre dadas em um *continuum*, apresentando diferentes graus de idiomaticidade e fixação. Assim, comecemos por discorrer sobre as características inerentes às unidades fraseológicas.

Ao nos referirmos à polilexicalidade, de maneira concisa, estamos trazendo à tona uma questão bastante controversa ao campo dos fraseologismos. Como bem argumenta Monteiro-Plantin (2012), uma palavra

Quando escrita, sua identificação é fácil por estarem separadas por espaços em branco, o mesmo não se pode dizer da modalidade oral, na qual muitas vezes, por causa do continuum que envolve a cadeia da fala, temos dificuldade de estabelecer-lhes os limites. Como saber onde termina uma palavra e começa outra, ou quantas unidades há em: está tudo bem com você? (MONTEIRO-PLANTIN, 2012, p. 86)

Defendemos que a polilexicalidade é de natureza puramente quantitativa e qualitativa. Quantitativa, pois as unidades fraseológicas são formadas por, minimamente, duas ou mais palavras. Biderman (2005, p. 750) advoga que tais unidades lexicais “São sequências de, pelo menos, duas palavras separadas por [espaços] brancos, hífen ou apóstrofos”. Com isso, estamos considerando como fraseologismos desde cadeias sintagmáticas que se constituem como frase, no caso dos provérbios, até estruturas dependentes de um sintagma, como são as EIs. Qualitativo uma vez que, embora constituídas de mais de uma palavra, as unidades fraseológicas são armazenadas no léxico mental como se fossem uma só, constituído de sentido único.

Para definirmos idiomaticidade, precisamos pensar nesta categoria em termos de *continuum*, cujos extremos chamaremos de *opaco* e *transparente*, nomenclatura adotada por Tagnin (2013) e Monteiro-Plantin (2012). Xatara (1998b) as nomeia como *fortemente conotativa* e *fracamente conotativa*, respectivamente. Embora não intitulando tal característica de *opaco*, Xatara (1998a) explica que a opacidade está diretamente relacionada a não-composicionalidade<sup>36</sup> do fraseologismo, isto é,

Os componentes do sintagma não podem mais ser dissociados significando uma outra coisa, ou seja, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados individuais de seus elementos. (XATARA, 1998a, p. 150)

Desta forma, podemos afirmar que o sentido da unidade fraseológica *com o cu na mão* não é apreendido a partir da soma de seus elementos separadamente, tal como *com + o + cu + na + mão*, mas sim entendido com base em seu sentido não composicional que é equivalente a *ter medo* ou *ficar nervoso*.

No que concerne à categoria *transparente*, esta se realiza em oposição a *opaco*. Se pensarmos em *com o cu na mão* e *tapete vermelho* (EI e colocação, respectivamente), observaremos que o primeiro tende a localizar-se mais próximo da extremidade opaca da idiomaticidade, ao passo que *tapete vermelho*, pelo seu significado poder se recuperado a partir da soma de seus elementos constituintes, está posicionado mais perto do transparente.

Lexicalização ou fixação também é uma categoria dada em um *continuum* e está fundamentalmente relacionada ao grau de cristalização de certas unidades fraseológicas. Nogueira (2014, p. 410) diz que fixação é:

[...] a capacidade que certas expressões têm de se irem cristalizando no falar de uma dada comunidade até atingir o estágio do que se pode denominar UF [unidade fraseológica]. Nesse processo, é absorvida e aceita tacitamente pelo grupo que utiliza aquela língua.

Biderman (2005) descreve exaustivamente inúmeros critérios que nos permitem analisar o grau de fixação de itens lexicais, como a *possibilidade de nominalização*, a *coordenação*, as *flexões*, as *restrições de co-ocorrência*, entre outros. Monteiro-Plantin (2012) sustenta que a

---

<sup>36</sup> Defendemos uma posição composicional para o estudo da idiomaticidade. Ou seja, acreditamos que, salvo os casos em que as EIs são indecomponíveis, como é o caso do exemplo *com o cu na mão*, a interpretação do sentido idiomático pode ser realizada com base em uma análise dos elementos em isolado. Esta análise, que leva em conta uma abordagem mais literal para o estudo idiomático, é entendida, assim como afirmam as autoras Vega-Moreno (2003) e Titone e Connine (1999), como composicional.

lexicalização é dada nos eixos sintagmático e paradigmático da língua. No primeiro, encontram-se restrições quanto às flexões, pronominalizações e passivizações, e no último estão dispostas as restrições com base nas comutações e inserções de termos. Para fins ilustrativos, o provérbio *água mole pedra dura, tanto bate até que fura* é mais lexicalizado do que a EI *bater as botas*. Isto se dá uma vez que o provérbio não aceita nenhum tipo de modificação, ao passo que a EI é passível de flexões, como *bateram as botas* ou *baterão as botas*.

Finda a descrição das características das unidades fraseológicas, passemos para a definição de EI. Para tal, corroboraremos os estudos de Xatara (1995, 1998a, 1998b, 2001) e Vega-Moreno (2003).

Vega-Moreno (2003, p. 305, tradução nossa), sobre a as EIs, advoga que elas

[...] não formam um grupo homogêneo de classe não composicional, mas sim uma comunidade altamente heterogênea que recai em um continuum de composicionalidade. Expressões idiomáticas variam na medida em que os seus elementos os constitutivos contribuem para a interpretação figurada como um todo. Em um extremo da escala, nós encontramos frases não idiomáticas, cujos significados de suas partes são totalmente derivados de forma composicional. No outro extremo, nós encontramos sequências idiomáticas não composicionais, no qual seus elementos constituintes estão em relação completamente arbitrária em relação ao sentido da expressão idiomática. A maioria das expressões idiomáticas localiza-se em algum ponto entre estes extremos<sup>37</sup>.

Ao lermos o excerto acima, observamos que o referencial teórico adotado para este estudo das EIs é proveniente de abordagens composicionais de análise. Assim, entendemos que, para a maioria das EIs que se encontra entre os extremos do *continuum* supracitado, decompô-las com base nos sentidos de seus elementos em isolado pode auxiliar no entendimento da expressão como um todo.

No que tange à natureza estrutural das EIs, cuja relevância para o trabalho em tela é imensa, Xatara (1998b) as divide em sintagmas nominais (*Cabeça-de-vento*), sintagmas de função adjetiva (*São e salvo*), sintagmas de função adverbial (*Por baixo dos panos*), sintagmas verbais (*Queimar etapas*) e sintagma frasais (*Vá pentear macacos!*).

---

<sup>37</sup> Do not form a homogeneous non-compositional class but rather a highly heterogeneous community which lie on a continuum of compositionality. Idioms vary regarding the extent to which the meanings of their individual constituents contribute to the overall figurative interpretation. At one end of the spectrum we have non-idiomatic phrases which are derived fully compositionally from the meaning of their parts. At the other end, we have non-compositional idiom strings whose individual constituents are in a completely arbitrary relation to the overall idiom meaning. Most idiomatic expressions lie somewhere between these extremes. (VEGA-MORENO, 2003, p. 305).

Devido à nossa escolha metodológica, este trabalho versará sobre as EIs de função adjetiva. Tagnin (2005) as arrola como combinações de substantivos e adjetivos, isto é, são cadeias sintagmáticas que se situam em algum ponto dentro do *continuum* da idiomaticidade, possuem certo grau de fixação dado também de maneira escalar e que contemplam uma estrutura cujos elementos constituintes são um substantivo e um adjetivo.

Destacamos que as EIs estão sempre atreladas a um contexto de enunciação, logo dependentes de um discurso. Tal premissa, como Xatara (1995, p. 199) relata, apresenta tais unidades fraseológicas pertencentes à “[...] especificidade cultural, enraizada na realidade autóctone, e as associações naturais sobre as quais se estabelece a originalidade dos enunciados idiomáticos”. Em outras palavras, a interpretação do teor idiomático é feita com base no contexto que as envolve, que é socialmente construído e convencionado.

Assim, com base no exposto até então sobre este tipo específico de unidade fraseológica, podemos tirar as seguintes conclusões quanto às EIs: (i) exteriorizam-se polilexicalmente ao apresentar-se como unidade locucional, possuindo diversas estruturas sintáticas; (ii) manifestam diferentes graus de idiomaticidade, uma vez que o sentido pode ser, dependendo do caso, decomponível com base nos elementos em isolado; e (iii) evidenciam certo nível de fixação, dada sua constante recorrência na língua.

Nosso interesse em desenvolver um trabalho que acomodasse tanto a fraseologia como a referenciação se deu a partir de nossa curiosidade em saber como uma EI é entendida co(n)textualmente. Uma vez detendo características que podem ser altamente opacas, nos instigou investigar como tais fraseologismos são apresentados cotextualmente através de anáforas. Xatara (2001), ao discorrer sobre as dificuldades que um falante de língua estrangeira enfrenta ao lidar com EIs, afirma que este indivíduo lança mão de certas estratégias textuais e

[...] passa a explorar, então, as relações de sentido possíveis, anafórica ou cataforicamente, que o co-texto lhe oferece, baseando-se em elementos iterativos e associativos, mas percebe que aquela sequência trata de uma anomalia sintático-semântica. (XATARA, 2001, p. 52)

Assim, tendo em vista à necessidade de discorrer sobre referenciação, as linhas que seguem tratarão sobre LT, mais especificamente sobre as remissivas lexicais, categoria presente em Koch (1989). Entretanto, antes de nos atermos às remissivas, acreditamos que seja importante falar, mesmo que minimamente, sobre coesão referencial.

Koch (1989, p. 31) afere a seguinte definição para a coesão referencial:

[É] aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro domínio forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual.

O excerto acima diz respeito aos elementos envolvidos no processo de coesão. Marcuschi (2006, p. 13) argumenta que estes elementos são parte vital do discurso, sendo assim “gerados na produção discursiva, no processo linguístico”. Isto implica dizer que estes elementos, ou objetos, de discurso não são uma construção discursiva apriorística, mas sim motivada. Aqui, as escolhas lexicais, que podem criar uma rede coesiva textual, são frutos do evento discursivo *per se*, que são postas em um plano paradigmático de opções, tal como defendem Koch e Marcuschi (1998). Embora possa não ser tão latente, a escolha lexical é sempre sócio-historicamente motivada, como seria a utilização do referente *novo pré-candidato à presidência em 2018* ou *petista corrupto* ao se mencionar o ex-presidente Luis Inácio. A escolha do referente será motivada, no exemplo dado, pelas convicções políticas do enunciador.

Essas escolhas de objetos de discurso ao longo do texto causará o que Marcuschi (2006, p. 21) classifica como progressão referencial, isto é, “a introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais”. Koch (2006, p. 263) defende que

Os objetos de discurso são dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos, são consequentemente modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, construindo-se ou reconstruindo-se, por esta via, os sentidos no curso da progressão textual.

A mesma ideia de referentes evolutivos é defendida por Koch (1989), Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi (2006) e Sousa Teixeira (2010). Para clarificar o que estamos nomeando de referentes evolutivos, pensemos em uma cadeia de referentes que sustenta um determinado tópico discursivo, ou seja, sobre o que falamos. Se imaginarmos que o referente tratado no discurso é *bordel*, possivelmente iremos encontrar expressões referenciais como *uma casa pequena*, *local de prostituição*, *local de sexo*, *uma casa bagunçada*, dentre outros. Notemos que, a cada uso de uma expressão referencial nova, novos sentidos e esquemas mentais vão sendo construídos. É a essa construção de novos sentidos a partir da escolha lexical de expressões referenciais que denominamos referentes evolutivos.

Koch (1989) categoriza as formas remissivas em gramaticais e lexicais. Contudo, para cumprirmos com os objetivos deste trabalho, discorreremos unicamente sobre as de natureza lexical por acreditarmos que (i) é no âmbito lexical que trabalhamos tanto com a noção de unidades fraseológicas como também com o fenômeno da *recategorização*; e (ii) as expressões



referenciais, além de vinculadoras de sentidos, expressam valores altamente argumentativos, imbuídos de certos pontos de vista.

Cavalcante (2014) diz que, além de instrução de conexão, ou seja, da relação anafórica entre os elementos cotextuais, as formas remissivas lexicais estabelecem também relação essencialmente de sentido. Assim, ela afirma que a diferença basilar entre as remissivas lexicais e gramaticais não está no âmbito da referência, mas sim no sentido e denotação. Koch e Marcuschi (1998, p. 180), sobre esta classe de remissivas, diz que “A nova expressão que o retoma acresce (enxerta, introduz) novos conhecimentos ou atributos (numa espécie de predicação) sem que isto atinja a referenciação como tal, mas sim o sentido e a orientação da referência”.

Dito isto, para Koch (1989, 2006), há dois tipos de remissivas, quais sejam *anáfora direta* e *anáfora indireta*. As anáforas diretas são mais bem representadas pelas remissivas lexicais (i) Expressões ou grupos nominais definidos, (ii) Expressões sinônimas ou quase sinônimas, (iii) Nomes genéricos, e (iv) Formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN, com ou sem mudança de determinante. No que compete às anáforas indiretas, temos (v) Nominalizações, (vi) Formas referenciais que representam uma *categorização* das instruções de sentido, e (vii) Formas referenciais que representam uma *classificação* no nível metalinguístico. Dependendo de como sejam empregados, os (viii) Hiperônimos ou indicadores de classe podem tanto pertencer às anáforas diretas como indiretas.

De forma geral, a partir de nosso prisma teórico, as anáforas diretas são aquelas cujos “Os referentes passam por recategorizações, isto é, por uma modificação que os participantes da enunciação constroem sociocognitivamente” (CAVALCANTE et al., 2014, p. 66), ao passo que as anáforas indiretas ocorrem “Toda vez que um novo objeto-de-discurso é introduzido [...] em virtude de algum tipo de relação com os elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo”. (KOCH, 2006, p. 270).

Assim, expressões ou grupos nominais definidos são expressões que, além de dar continuidade à teia referencial e, por consequência, ao tópico discursivo, se caracterizam por requalificar o referente, atribuindo a ele novos significados. Lembremos que a escolha das expressões nominais é dependente do valor argumentativo que o enunciador pretende exprimir, como é o caso das expressões utilizadas para remeter ao *ex-presidente da república* e *bordel* anteriormente listadas. Koch (1989) defende que esta subclassificação das remissivas lexicais causa uma ativação parcial do referente, pois reitera algumas de suas características e acrescenta outras.



As expressões (quase) sinônimas definem-se como uma estratégia textual bastante recorrente no discurso, pois permitem a retomada de um referente através de um elemento remissivo com características similares. Em nossa pesquisa, e com base em um arrazoado teórico sobre sinonímia, percebemos que expressões puramente sinônimas são bastante raras.

Nomes genéricos dizem respeito a toda expressão referencial neutra que carrega pouco valor argumentativo, como *coisa*, e *pessoa*. Koch (2006) argumenta que, no uso oral da língua, seja de modo formal ou informal, nomes genéricos são utilizados como recurso de economia cognitiva, haja vista que achar um termo mais geral é mentalmente menos trabalhoso. Assim, em *A multidão ouviu um ruído de motor. Todos olharam para o alto e viram a coisa se aproximando*, a forma referencial *a coisa* retoma o referente *motor*.

Formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN, com ou sem mudança de determinante, são tipos remissivos em que a conexão é feita lançando mão do mesmo item lexical, como em *O bandido disparou o tiro. Esse tiro acertou uma mulher*, onde *um tiro* e *esse tiro* diferem basicamente quanto ao determinante.

Nominalizações, em seu turno, são aquelas anáforas que conferem o *status* de objeto de discurso a uma porção textual que se julgue importante, operando a partir de elementos deverbais ou não, conferindo-os um rótulo nominal, como em *Os grevistas paralisaram todas as atividades. A paralisação durou uma semana*, onde o enunciador optou nominalizar o verbo *paralisar*, gerando assim o substantivo *paralisação*.

Formas referenciais que representam uma *categorização* das instruções de sentido são uma espécie de referente encapsulador, cujo sentido engloba um fato mencionado anteriormente, ao passo que as formas referenciais que representam uma *classificação* no nível metalinguístico funcionam como indicador linguístico de algum referente.

Hiperônimos, de acordo com Koch (2006, p. 266)

[...] contém, em seu bojo, todos os traços lexicais do hipônimo. Por esta razão é que se pode afirmar que, nesses casos, tem-se um ‘menor grau’ de recategorização, visto que a carga semântica do hiperônimo, ao ser usado anaforicamente, se ‘ajusta’ ao antecedente.

Desta forma, a remissão realizada por meio de hiperônimos são aquelas que sempre estão em relação a hipônimos. No exemplo *Vimos o carro aproximar-se. Alguns minutos depois, o veículo estacionava adiante do Palácio*, temos o hiperônimo *veículo* e o hipônimo *carro*. *Veículo* é a palavra com sentido mais amplo, cujo significado abarca o seu hipônimo,

*carro*. *Carro* possui características mais específicas, se comparado com seu hiperônimo, *veículo*. Aqui, temos um exemplo de anáfora direta.

Entretanto, além da relação hiperonímia, Koch (1989) fala de indicadores de classe. Sendo as meronímias um tipo de indicador de classe e altamente recorrentes nos dados de nossa pesquisa, acreditamos ser importante contemplá-las nesta seção. Uma relação meronímica é essencialmente semântica, que cria conexões a partir da relação *parte x todo*. Se falarmos que os nomes *mão*, *cabeça*, *braços* e *pernas* se constituem como partes do *corpo*, estaremos nos reportando a uma relação semântica meronímica. Relações meronímicas pertencem ao grupo das anáforas indiretas.

Finalmente, após toda essa discussão teórica acerca de Fraseologia e do recorte da LT<sup>38</sup> sobre formas remissivas lexicais, chegamos à conclusão de que ambas as correntes podem convergir, uma vez que as EIs adjetivas (as que adotamos para a presente pesquisa) estão sintaticamente localizadas dentro de um sintagma nominal, permitindo assim analisar a progressão referencial decorrente das remissões a elas atreladas.

## **Metodologia**

Para compormos o *corpus* desta pesquisa, optamos por selecionar seis textos do gênero conto erótico, sendo três deles relacionados à EI *Deus Grego*, e os outros três à *Deus de Ébano*. Ambas as EIs são de natureza adjetiva, nos possibilitando assim analisá-las sob o prisma das anáforas, já que se constituem como sintagma nominal. A escolha dos contos foi feita conforme o título dos textos, pois estes precisavam, obrigatoriamente, contemplar uma das unidades fraseológicas em questão. Assim, garantiríamos que o tópico discursivo do texto fosse uma das EIs eleitas. Vale a pena ressaltar também que não houve restrição quanto à extensão do conto, estando eles compreendidos no intervalo entre 806 a 2724 palavras.

Todos os seis contos eróticos, conforme listados no quadro 01, foram extraídos do mesmo sítio eletrônico.

---

<sup>38</sup> A visão de referenciação que possuímos é mais ampla e envolve um maior número de elementos co(n)textuais, não apenas as remissivas lexicais. Entretanto, como já esclarecemos, elegemos esta classe de remissivas por ser passível de análise fraseológica.

Quadro 01: Contos eróticos selecionados

Deus grego	Deus de Ébano
Um Deus Grego me comeu	Deus de Ébano da afeição
Deus Grego, me usou e abusou	Gilberto, o Deus de Ébano

Fonte: Elaborado pelo autor

Para que pudéssemos proceder com a análise, realizamos uma leitura cuidadosa dos contos e identificamos todas as formas remissivas lexicais às Els *Deus Grego* e *Deus de Ébano*. Como critério de categorização dos dados, nos utilizamos da classificação proposta por Koch (1989), apresentada em nossa fundamentação teórica. Deixamos de fora as formas referenciais que representam uma categorização das instruções de sentido e as formas referenciais que representam uma classificação no nível metalinguístico por não termos encontrado nenhuma ocorrência no *corpus* analisado.

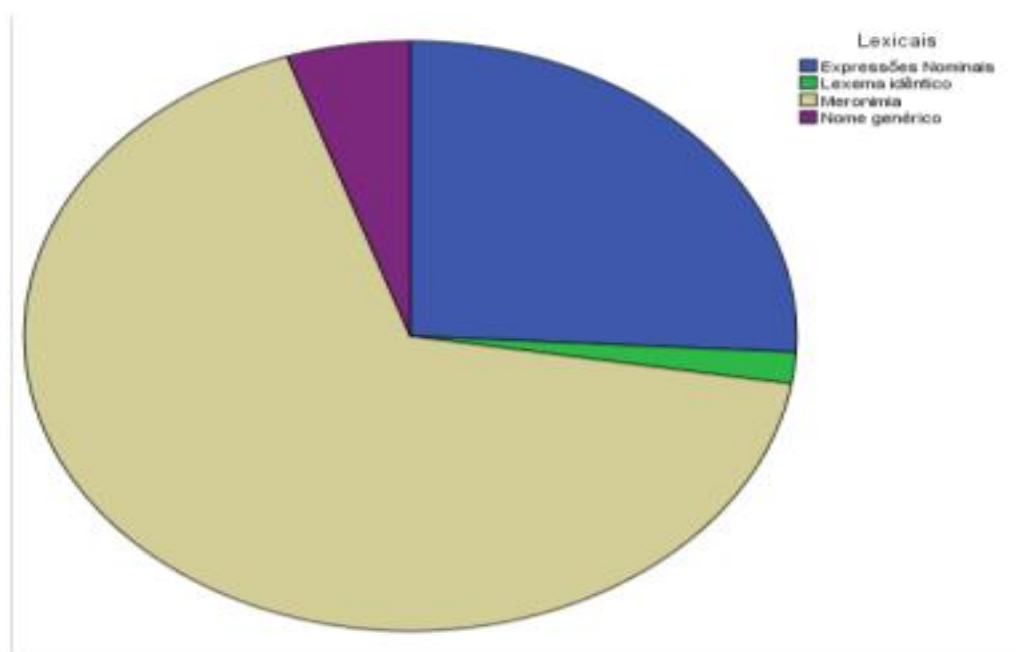
Todas as ocorrências das remissivas foram listadas e classificadas com a ajuda do programa de computador *IBM SPSS Statistics 23*. Chamamos a atenção para o fato de que sintagmas nominais idênticos foram apenas contabilizados uma única vez. Com isso, pretendemos que nossa análise se torne um estudo da variedade de remissivas lexicais.

### **Análise dos dados**

Decidimos seccionar a análise dos dados em três momentos, quais sejam (a) discussão acerca do processamento referencial de *Deus Grego*, (b) discussão acerca do processamento referencial de *Deus de Ébano*, e (c) discussão dos dados na interface que convencionamos chamar de Fraseologia Textual.

Iniciaremos nossa análise pelo processamento referencial de *Deus Grego* e das formas remissivas lexicais localizadas dentro dos contos eróticos. Ressaltamos que, no total, 58 casos foram encontrados.

Gráfico 01: Formas remissivas lexicais em *Deus Grego*



Fonte: Elaborado pelo autor

A partir da observação do gráfico 01, podemos perceber que, em sua maioria, utilizaram-se remissivas lexicais do tipo meronímia, compondo um total de 39 casos, correspondente a 67,2% de todos os tipos remissivos em análise. Exemplos de meronímia foram *seu tórax musculoso*, *seus ombros largos* e *coxas grossas*, os quais descrevem as características físicas de um deus grego. cremos que esta categoria de remissivas lexicais se fez de fundamental importância para que pudéssemos olhar além da opacidade da EI e compreender a forma que um deus grego é corporalmente entendido. Sabemos também que a alta ocorrência meronímica pode ter sido dada tendo em vistas que, para o gênero textual em questão, ressaltar aspectos físicos é de extrema relevância.

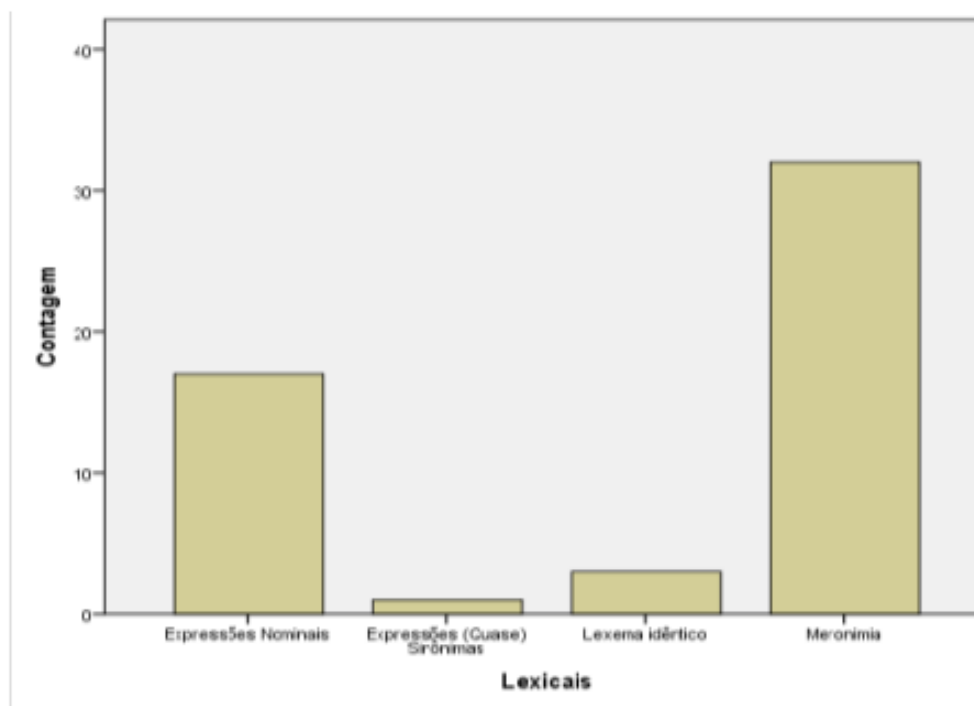
A segunda classificação mais recorrente dentro dos contos eróticos foi expressões nominais, equivalente a 15 ocorrências ou 25,9% de todos os casos de remissão. Podemos citar *um animal feroz*, *daquele atleta* e *um mestre com a boca e a língua* como inerentes a esta categoria.

Nome genérico e lexema idêntico obtiveram baixa frequência, sendo elas 5,2% e 1,7%, respectivamente. No que concerne aos lexemas idênticos, acreditamos que, pela necessidade de objetificar e descrever um deus grego *à la* conto erótico, a baixa ocorrência desta classe se deve ao fato de o enunciador ter a precisão de atribuir novas características à EI dada.

Não houve casos de nominalizações e de expressões (quase) sinônimas no *corpus* adotado para fins de análise deste artigo.

No tocante à análise do processamento referencial de *Deus de Ébano*, que contempla 53 ocorrências, vide o gráfico 02.

Gráfico 02: Formas remissivas lexicais em *Deus de Ébano*



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme podemos observar a partir do gráfico 02, a categoria meronímia foi a mais frequente dentro do gênero textual conto erótico, possuindo 32 ocorrências, equivalente a 60,4%. Como exemplos desta categoria, podemos citar *um belo membro, os lábios carnudos dele e sua pele negra*, os quais funcionam textualmente como características atribuídas a um deus de ébano.

Expressões nominais foi a segunda categoria mais recorrente dentro dos contos sobre *Deus de Ébano*, englobando 17 casos ou 32,1% de todas as ocorrências somadas. Representantes desta classificação foram *um belo e alto negro, aquele homem enorme e macho*.

As categorias expressões (quase) sinônimas e lexema idêntico ocorreram em baixa frequência, sendo 1,9% e 5,7%, respectivamente. Espécimes de expressões sinônimas podem ser ilustrados com *daquele meu doce Deus*.

Não foi localizado nenhum caso das categorias nomes genéricos e nominalizações no *corpus* analisado.

Levando todo o exposto em consideração, passemos para a discussão dos dados em Fraseologia Textual. Esta interface por nós convencionada se constitui como uma abordagem teórico-metodológica que permite analisar os fraseologismos a partir de categorias de análise da LT. Nesta perspectiva, pretendemos ver como os escritores dos contos criam teias referenciais ligadas a um referente idiomático e como esta teia pode ajudar a desvendar os sentidos idiomáticos.

Para esta pesquisa, como já vimos anteriormente, optamos por duas EIs adjetivas altamente produtivas e recorrentes em contos eróticos, nomeadamente *Deus Grego* e *Deus de Ébano*, que são regidas por certo grau de idiomaticidade e fixação.

Esta análise será dada com base nos tipos de categorias remissivas, comparando-as nas duas EIs.

Quadro 02: Expressões Nominais em *Deus Grego*

Aquele gato	Daquele atleta	Um rapaz de 23 anos
Um garoto de 19 anos	Seu marido	Meu melhor amante
Um mestre com a boca e a língua	Loiro dourado	Um tesão de macho
Aquela gostosura	Um ótimo psicólogo	Cara de tarado
Aquele corpo delicioso	Aquele tesão dourado	Um animal feroz

Fonte: Elaborado pelo autor

O quadro 02 nos mostra como a EI *Deus Grego* foi textualmente representada pelos escritores dos contos eróticos. Utilizaram-se anáforas como *atleta*, *gato*, *tesão dourado* e *animal feroz*. Em termos fraseológicos, ao falarmos em *deus grego*, não estamos nos referindo a uma entidade celestial da Grécia, mas sim a uma pessoa que incorpora algumas das características presentes no quadro 02.

Quadro 03: Expressões Nominais em *Deus de Ébano*

O caseiro	Um cara gostoso	Um belo e alto negro
Negros	Uma delícia	Meu delicioso
Aquele homem enorme	Aquele delicioso negro	Macho
O belo homem	Um negro alto	O técnico
Um homem negro	Um homem lindo	Cara de puto safado
Meu parceiro		

Fonte: Elaborado pelo autor

O mesmo também é verdade para as remissivas encontradas no quadro 03, concernentes à EI *Deus de Ébano*. Deparamo-nos com anáforas tais como *cara gostoso*, *um belo e alto negro*, *aquele homem enorme*, *macho* e *homem lindo*. Aqui, lançou-se mão de uma série de remissivas

de categoria expressões nominais para que houvesse a manutenção do tópico discursivo em vistas ao uso de anáforas, provando que os referentes são evolutivos por natureza.

Abaixo, vejamos as relações entre meronímia e unidade fraseológica.

Quadro 04: Meronímia em *Deus Grego*

Olhos azuis	Pele bronzeada	Cabelos curtos negros
Lábios carnudos vermelhos	Seu tórax musculoso	Suas pernas grossas
Pelos finos	Sua face	Seu peito musculoso
Seu mamilo	Seu pênis	Seus ombros largos
Sua bunda	Seu rosto	Sua boca
Um cavanhaque fino	Sua rola	Seu ânus
Seu cuzinho	Seu membro	Sua língua
Seus olhos	Aquele corpo	Aquela delícia de rabo
Coxas grossas	Braços fortes	Seu abdômen
Sua pica	Sua vara	O pau dele
As sobrancelhas	A barbinha	Olhos verdes
Sua mão	Barriguinha zerada	Seus pentelhos
Seus pelinhos dourados	Seu rego	aquela bundinha peluda

Fonte: Elaborado pelo autor

A análise meronímica no quadro 04 nos mostra que, no que se refere à expressão *Deus Grego*, foram utilizadas certos grupos nominais remissivos bastante representativos do que concebemos como inerentes aos deuses gregos, quais sejam, *olhos azuis*, *peito musculoso*, *braços fortes*, *pelinhos dourados* e *barriguinha zerada*. Se realizarmos uma rápida procura em qualquer sitio eletrônico de busca, facilmente encontraremos imagens de deuses da mitologia grega que satisfazem as descrições meronímicas elencadas no quadro 04.

A mesma análise foi realizada com base nos dados dos contos sobre *Deus de Ébano*.



Quadro 05: Meronímia em *Deus de Ébano*

Um belo membro	Um rosto másculo e sério	Lábios carnudos dele
Sua língua enorme	Aquela pica dura	Aquele pau negro
Seu saco	Aquele dedo delicioso	O mastro duro do macho
Aquela cabeça	As bolas	O pau
Pernas grossas	Um sorriso angelical	Os olhos dele
Seu ombro	A mão dele	Sua pele negra
Seu peito nu	Seu órgão ereto	Aquela piroca rombuda
Cabeça raspada	Barba bem feita	Peitoral largo
Braços fortes	Seus membros inferiores	Aquele imenso volume
Aqueles dentes	Duas bolas enormes	Pentelhos aparados
Daquela vara	Aquela rola	

Fonte: Elaborado pelo autor

*Deus de Ébano* se revelou inegavelmente tipificado à figura negra, englobando remissivas como *lábios carnudos*, *pernas grossas*, *pele negra*, *peitoral largo*, *braços fortes* e *pau negro*. O teor racial desta EI é possivelmente proveniente de um tipo de madeira escura e africana que leva o nome de *ébano*. Em algum momento da história, através de um processo metafórico, o homem passou a relacionar tal madeira rara à figura de pessoas negras que chamam a atenção devido à sua beleza e exuberância.

De todo modo, os casos meronímicos localizados nos contos eróticos servem como pista crucial para o entendimento das EIs; elas fornecem indicações de que, mesmo se o leitor desconhecesse o significado tanto de *Deus Grego* como *Deus de Ébano*, este poderia ainda assim entender que se tratam de pessoas ou adjetivos referentes a pessoas, tomando por base todos os sintagmas nominais remissivos listados nos quadros 04 e 05.

Abaixo, no quadro 06, encontramos os casos de Lexema Idêntico. Observemos:

Quadro 06: Lexema Idêntico em *Deus Grego* e *Deus de Ébano*

Lexema Idêntico	
Deus Grego	Deus do Ébano
	Deus de Ébano

Fonte: Elaborado pelo autor

Sobre esta classe de expressão referencial, notamos que não houve variação quanto ao uso de determinante para a expressão *Deus Grego*, ao passo que, para *Deus de Ébano*, a encontramos com dois usos, *de* e *do*.

## Considerações finais

Baseado em nossas discussões anteriores, afirmamos que a interseção que propomos nos possibilita olhar para os fenômenos fraseológicos a partir do prisma textual. Este trabalho se debruçou sobre a análise das EIs *Deus Grego* e *Deus de Ébano*, amparada pela teoria das remissivas lexicais. Entretanto, a Fraseologia Textual, por ser uma área interdisciplinar, pode se ater ao estudo de outros objetos, como na intertextualidade presente nos provérbios.

As análises aqui realizadas, compreendidas dentro do escopo da Fraseologia Textual, revelaram que (i) há cadeias referenciais que arquitetam valores e significações mediante a utilização de variadas escolhas lexicais, a saber, *loiro dourado*, *aquele corpo delicioso*, *olhos azuis*, *seu peito musculoso* e *barriguinha zerada*, que auxiliam na compreensão do sentido de *Deus Grego* e, igualmente, *um homem negro*, *aquele homem enorme*, *lábios carnudos dele*, *sua pele negra*, para *Deus de Ébano*; (ii) as formas remissivas recategorizam os referentes com o intuito de cumprir com os objetivos enunciativos do escritor e destacar as características físicas e raciais das EIs escolhidas, uma vez que estavam imersas no gênero conto erótico; e (iii) as relações de sentido entre os elementos anafóricos, diretos e indiretos, ancoradas em um contexto informativo, fornecem indícios valiosos que ajudam a atenuar a carga idiomática dessas duas EIs.

Por fim, um estudo nesta união teórico-metodológica pode ser empreendido de maneiras diversas, como em uma investigação no âmbito da escrita que se propusesse a analisar como falantes de língua estrangeira, ou até mesmo de língua materna em estágios de aquisição fraseológica, representam e remetem diferentes tipos de fraseologismos em uma cadeia de progressão referencial. As possibilidades são inúmeras, basta que o pesquisador esteja disposto a se desafiar em novos estudos.

## Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-ORTO, Graça et al (Org.). **Estudos em homenagem a Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2005. p. 747-757.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. Função discursiva dos elos coesivos referenciais. **Leia Escola**, v.14, n. 1, 2014. p. 51-60.

DEUS DE ÉBANO DA AFEIÇÃO. Contoerótico. Disponível em <<http://bit.ly/2urMc90>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

DEUS DE ÉBANO. Contoerótico. Disponível em <<http://bit.ly/2v0QOQI>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

DEUS GREGO, ME USOU E ABUSOU. Contoerótico. Disponível em <<http://bit.ly/2tUIMKl>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

DEUS GREGO. Contoerótico. Disponível em <<http://bit.ly/2tRo0vh>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

GILBERTO, O DEUS DE ÉBANO. Contoerótico. Disponível em <<http://bit.ly/2un37ci>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

\_\_\_\_\_. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia (Org.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. p. 263-276.

KOCH, I. G.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação e na produção discursiva. **DELTA**, São Paulo, vol., n. especial, p. 169-190, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Caderno de Estudos Linguísticos**, vol. 48, 2006. p. 7-22.

MONTEIRO-PLANTIN, R. CNS. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. v. 1. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

NOGUEIRA, Luís C. R. (Re)nunciar a fraseologia: a difícil tarefa do tradutor. In: MONTEIRO-PLANTIN, R. S. (Org.). **Certas palavras o vento não leva**: homenagem ao professor Antônio Pamies Bertrán. Fortaleza: Parole, 2014. p. 407-433.

SOUSA TEIXEIRA, C. A referenciação textual numa abordagem cognitiva. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 1, n. 2, 2010. p. 129-142.

TAGNIN, Stella E. O humor como quebra da convencionalidade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005. p. 247-257.

\_\_\_\_\_. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2013.

TITONE, D. A.; CONNINE, C. M. On the compositional and noncompositional nature of idiomatic expressions. **Journal of Pragmatics** 31, 1999, p. 1655-1974.

UM DEUS GREGO ME COMEU. Contoerótico. Disponível em <<http://bit.ly/2tU5INT>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

VEGA-MORENO, R. E. Relevance theory and the construction of idiom meaning. **UCL Working Papers** 15, 2003, p. 303-323.

XATARA, C. M. O resgate das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 195-210, 1995.

\_\_\_\_\_. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, v. 42, p. 147-159, 1998a.

\_\_\_\_\_. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998b.

\_\_\_\_\_. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. **Trabalho em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 37, p. 49-59, jan./jun. 2001.